

INFÂNCIA E JUVENTUDE NA LITERATURA: ORIGEM E RECURSOS ESTILÍSTICOS DOMINANTES

CHILDHOOD AND YOUTH IN LITERATURE: ORIGIN AND DOMINANT STYLISTIC RESOURCES

Roseane Oliveira de Araújo Félix **1**
Ágatha Camila Ferreira Araújo **2**

Resumo: Como um período de desenvolvimento humano, a infância e juventude nos remetem a diversas acepções. O que se aplica a essa fase de intensa inventividade é o fato de ela ser desmesuradamente construtiva. Não se trata somente de um momento propício a descobertas, e sim, de um gigantesco universo de feita. Tais considerações nos portam a obras de grande valor para a Literatura infantil e juvenil, como aquelas escrita por Monteiro Lobato no século XX, retratando a infância de modo inteligente. Em contrapartida, temos na atualidade autores também consagrados como Pedro Bandeira e Marina Colasanti – apropriamo-nos apenas desses dois nomes afim de não estendermos demasiado a lista. Nosso intuito será levantar uma discussão acerca do momento histórico em que o gênero se constitui e analisar as estratégias narrativas relacionadas aos elementos textuais, temáticas que abordam consciência dos valores humanos e a psicanálise a ser discutida, englobando questões que se referem à formação do sujeito. Para isso, acionaremos aportes teóricos que dialogam com tais perspectivas, como: Castro (2008), Coelho (2000), Vygotsky (2007), Zilberman (2005) dentre outros.

Palavras-chave: Infância. Juventude. Literatura.

Abstract: As a period of human development, childhood and youth refer us to different meanings. What applies to this phase of intense inventiveness is that it is overly constructive. This is not just a time for discovery, but a gigantic universe of making. Such considerations bring us to works of great value for children's and youth literature, such as those written by Monteiro Lobato in the twentieth century, portraying childhood intelligently. On the other hand, we have now also well-known authors such as Pedro Bandeira and Marina Colasanti – we only use these two names in order not to extend the list too much. Our intention will be to raise a discussion about the historical moment in which gender is constituted and to analyze the narrative strategies related to the textual elements, themes that address awareness of human values and the psychoanalysis to be discussed, encompassing issues that refer to the formation of the subject. For this, we will trigger theoretical contributions that dialogue with such perspectives, such as: Castro (2008), Coelho (2000), Vygotsky (2007), Zilberman (2005) among others.

Keywords: Childhood. Youth. Literature.

Graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Catalão. Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4569924107958940>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7837-2491>. E-mail: roseane.catalao@gmail.com **1**

Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Pós-graduada em Psicopedagogia. Possui Complementação Pedagógica. Titulação em Letras Português Licenciatura na Universidade Federal de Goiás Regional Catalão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1354681015569819> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5320-9586> E-mail: agathacamila2008@gmail.com **2**

Todo bom texto é para sempre jovem.

(Bartolomeu Campos de Queirós)

Introdução

Vinculado às mudanças estruturais ocorridas entre os séculos XVII e XVIII, o papel da produção direcionada para crianças em um elo com a escola, realiza o alcance do objetivo e valores sugeridos pela nova classe social em ascensão. A literatura infantil se constitui a partir do século XVIII com o surgimento dos contos de fadas adaptados, que tinham como intuito, atender ao processo educacional, cujo objetivo era disseminar valores morais. Com as novas tendências e desenvolvimentos da segunda metade deste século, a sociedade começa a despertar para novidades movidas pelo desenvolvimento do poder econômico, onde inicia adaptações de clássicos da literatura como: *Cinderela*, *As mil e uma noites*, além de outras que fizeram parte dessa nova perspectiva autoral, composta por temáticas que correspondiam ao processo da consciência dos valores humanos. Conforme proposto por Gregorin Filho (2007), valores morais como a honestidade, bondade, respeito, caridade, dedicação à família.

De forma ainda embrionária, as abordagens relacionadas à literatura voltada para a criança no século XVII, era algo utópico e de difícil estima. Em meados do século XIX as coisas começam a mudar, com o crescimento das abordagens relacionadas à pedagogia e psicologia voltada para a educação, mesmo que não houvesse um conceito explícito do universo infantil, já havia interesse por parte de determinados autores na colocação da literatura para a educação das crianças, como por exemplo, Charles Perrault (1628-1703), importante escritor francês, autor de inúmeros contos infantis, a citar, *Chapeuzinho vermelho*, *Barba azul*, *O gato de botas*, que transcenderam os tempos se fazendo presente até os dias atuais.

O processo de inserção no Brasil é dado com base em momentos históricos sociais em que foi influenciado pelas questões de valores, tendo a literatura infantil como veículo de princípios de conduta, em trânsito pelas fases de desenvolvimento. Ao final do século XIX e início do século XX, com a modernização, principalmente ao tratar da escola como meio de incentivo de valorização patriota, ocorrem diversas traduções e adaptações da literatura para crianças. No entanto, ao considerarmos os processos de colonização e a ascensão de independência literária, percebemos um distanciamento significativo entre tais obras relacionadas às características brasileiras.

Entre 1920 e 1945, em meio aos conflitos instaurados no Brasil, ocorrem reformas educacionais que propunha um ensino objetivo e inovações artísticas, com o início a Semana de Arte Moderna em 1922. Em relação à literatura infantil, Monteiro Lobato foi o responsável pela mudança, onde foi representada a linguagem e a identidade brasileiras, tendo como destaque entre suas obras, *O sítio do pica-pau amarelo* (1920), composta por uma série de volumes.

No período da democracia entre as décadas de 50 e 60, foi aprovado a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional, e com a restauração do regime militar a cultura brasileira ficou prejudicada, inclusive a literatura infantil, cujo caráter conservador classificava os temas e os ambientes por ela explorados que privilegiassem a agricultura e o patriotismo.

A partir da década de 70 se inicia novas perspectivas em debates e propostas para reformas educacionais, principalmente no âmbito da língua e da literatura, em especial, a literatura infantil. Assim, conforme os pressupostos de Coelho (2000), a evolução de um povo se faz ao nível da mente, da consciência de mundo que é assimilado desde a infância, e a palavra é o caminho essencial para se chegar a esse nível, em que iniciaram transformações fundamentais no início do século XX, vendo a literatura infantil como responsável pela formação de uma nova mentalidade.

A partir disso, se faz necessário essa composição em acordo com as convicções do interlocutor, se relacionando conforme o decorrer dos tempos históricos. A autoria, o tempo e o espaço são encarregados da construção característica, em conformidade com o receptor, o qual o texto é direcionado, pois tais procedimentos discursivos são necessários para análise desse gênero. Logo, esses textos devem funcionar como uma produção cultural em que o efeito retroativo, ou seja, dados obtidos pelo emissor sobre como o receptor reage, ocorra com o

intuito de que seus objetivos relacionados aos valores sejam aceitos, pois, a sociedade passa por constantes mudanças, assim como o conceito de infância e adolescência vêm, ao longo dos tempos passando por reconstrução, e para que o receptor assimile essas obras, requer atenção relacionada à questão sociocultural.

Ao abordar num estudo, questões acerca da literatura infantil e juvenil, no sentido de formação de leitores, se faz necessário considerar as fases de leitura em que o sujeito passa no decorrer de seu desenvolvimento, até vir a ser um leitor crítico, fases relacionadas aos aspectos físicos e psíquicos. Dessa forma, Coelho (2000) classifica tipos de leitores de acordo com as fases de desenvolvimento. Conforme as reflexões da autora supracitada, entendemos que o pré-leitor não possui ainda competência suficiente para o processo de decodificar a linguagem verbal escrita, mas identifica a realidade em torno dele por meio do contato afetivo e o tato.

A imagem é outro fator predominante às obras indicadas nessa etapa, por meio dela, o leitor estabelece contato com o universo da leitura e tem condições de atribuir significados ao que lê. O reconhecimento das figuras, elementos estruturais das narrativas como; personagem, espaço e tempo, e dar destaque a musicalidade e jogos sonoros, cantigas.

A segunda etapa é a do leitor iniciante, cuja relação com a expressão escrita da linguagem verbal faz com que o universo cultural e o mundo se revelem, por intermédio da palavra e conquiste espaço sobre a imagem, (predominando a imagem) — fase da socialização, racionalização da realidade, ou seja, de compreensão, com textos curtos e ilustrativos;

A terceira fase é a do leitor em processo, na qual o sujeito já domina o mecanismo da leitura. Por esta razão, a imagem cede espaço parcial para o texto escrito, pois através da organização do pensamento lógico, o conhecimento do mundo é apurado.

A quarta etapa se refere ao leitor fluente. Neste momento é consolidado o domínio no ato da leitura, possibilitando-lhe melhores chances de compreensão do universo apresentado na obra, o que culmina por desenvolver o pensamento hipotético-dedutível em que as atividades que aguçam sua reflexão são fundamentais para o amadurecimento do leitor.

A quinta e última etapa é a fase do leitor crítico em que há um domínio mais amplo do processo de leitura, o leitor relaciona o micro e macro universos textuais, compreende processos de semioses (produção de significados) nos textos, entendido assim, como fase de desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico. Posto isto, compreendemos que este último leitor está preparado para a imersão nas diversas obras que existem, ele possui independência para se direcionar sozinho, e, além disso, deseja compartilhar suas opiniões levando o outro para o mesmo caminho.

Literatura infantil e juvenil: Psicanálise

Há um processo de construção do eu, que perpassa do egocentrismo para o sociocentrismo — eu para nós — reconhece e valoriza o outro como elemento importante para sua autorrealização — a rivalidade entre irmãos e amigos contribui para a construção da identidade. Relacionado ao processo de descoberta do mundo, o desenvolvimento da criança e do adolescente requer atenção, no que diz respeito à relação social; tratar das questões de alteridade, portanto, proporciona ao indivíduo em desenvolvimento melhor processamento das informações referentes ao outro, partindo do egocentrismo para a descentração, o que a temática literária, voltada para infância pode trabalhar de modo criativo e construtivo, até porque, o sujeito egocêntrico não consegue se colocar no lugar do outro.

A teoria do egocentrismo na infância foi investigada pelo psicólogo Jean Piaget, que propôs em suas pesquisas estudar a psicologia do desenvolvimento infantil, afirmando que o egocentrismo é uma característica natural nas crianças que se encontram na segunda infância (entre os 3 e 6 anos, a fase do pré-leitor) em que ela produz conceitos, pensamentos e imagens de acordo com suas concepções da realidade. Conforme reflexões de Fonzar (1986, p. 87), “o termo egocentrismo deverá exprimir um estado de espírito típico do processo evolutivo do conhecimento da criança.” Isso acontece porque nesta idade, as crianças não são capazes de entender que os outros indivíduos possuem crenças, opiniões e pensamentos diferentes dos seus.

A arte literária faz com que o seu eu subjetivo se abra para o universo objetivo, onde

ocorre o diálogo entre sujeito e objeto, no entanto, ocorrerá de modo mais intenso a partir dos 7 e 8 anos de idade. Um exemplo são as obras que retratam as relações entre pais e filhos, avós, irmãos, tios. Conforme declara a autora Marina Colasanti, em entrevista à folha de São Paulo:

A criança não se identifica apenas como o “eu”, como se fosse um espelho. É um erro achar que a melhor chave de leitura é a identificação. A criança busca a identidade no outro, no melhor amigo, no convívio com os irmãos. Achar que um livro infantil sempre tem que ter criança é deixar a literatura mais pobre (COLASANTI, 2015).

O egocentrismo começa a diminuir na fase de compreensão entre os 7 e 8 anos (leitor iniciante), o que Piaget chama de realismo. Na fase dos 8 a 11 anos (leitor em processo) a criança já está em um desenvolvimento mais elevado, operatório concreto — o egocentrismo perde espaço e cede lugar para outras manifestações, como a capacidade de estabelecer sentimentos morais e sociais, o que pode gerar mais respeito, companheirismo, honestidade e compreensão ao próximo. A partir dos 12 anos (leitor fluente e leitor crítico), conforme salienta Piaget, é o estágio denominado operatório formal — as operações intelectuais abstratas podem ser realizadas, considerando hipóteses com a finalidade de examiná-las, entender argumentos complexos, produzir teorias e, em relação à afetividade, busca-se realizações pessoais na entrada da vida adulta, com desejo de mudar o mundo, critica a sociedade e começa a descobrir a sexualidade. Nessa fase as narrativas de aventuras que possuem conflitos solucionados por um grupo são cruciais para sua formação, o romance, viagens, histórias sentimentais.

O texto literário tem autonomia para dispor de temas próprios da realidade psíquica difíceis como o amor, a violência, separação e o abandono e, essa força significante é capaz de operar mudanças em tais estruturas fazendo com que o leitor encontre significado na vida. Nas palavras de Gregorin Filho (2007, p. 46), “busca-se, neste momento sócio-político e cultural, uma aproximação dialógica entre o fazer pedagógico no que tange à literatura para crianças e jovens e o fazer social, visto ser uma constante a fala de que o aluno é preparado para a vida em sociedade”.

Diante dessas abordagens, apresentaremos recortes da literatura infantil e juvenil, com o intuito de discutir, sob um olhar analítico, as fases de leitura, conforme citamos anteriormente, e que tratam questões relacionadas às tendências estéticas e ideológicas como estratégias narrativas. Ao considerar temáticas que cumpram a função de trazer a consciência e os valores humanos, investigamos os elementos textuais utilizados por esses autores e o objetivo da formação leitora e identitária do interlocutor. Dessa forma, refletimos também acerca das memórias de infância de alguns autores que retratam bem o efeito que o texto literário proporciona na criança, trazendo ao lume essa construção e formação de tais autores enquanto escritores de literatura infantil e juvenil, a partir de suas bases leitoras.

Conhecer a evolução desse gênero nos faz entender o cenário atual, pois as obras contemporâneas possuem relação com essas tradições literárias. No contexto histórico, abordaremos a literatura para crianças e jovens, sob a ótica de Monteiro Lobato, um dos maiores autores do gênero infantil e juvenil no Brasil, pois suas produções são influências para os demais autores.

A literatura infantil e a perspectiva de Monteiro Lobato

Dentro da visão psicanalítica de Castro (2008), Monteiro Lobato, por exemplo, se refere aos dramas que refletem o mundo interior do ser humano em suas histórias, que auxiliam as crianças a lidarem com conflitos internos, pois, como afirma Castro (2008, p. 276), “a literatura retrata de forma imaginária e simbólica caminhos necessários ao desenvolvimento da aquisição de uma existência independente”. As histórias infantis se iniciam da seguinte forma: Era uma vez, há muito tempo atrás. Isso demonstra que, o que irá suceder não cabe ao tempo presente. Tais palavras servem de passaportes para o universo imaginário onde tudo é possível.

No caso das obras de Lobato, as personagens enfrentam dilemas que normalmente ocorrem distante de casa, fora da proteção e do conforto, oferecidos pelos adultos. Nesses caminhos percorridos supera obstáculos, recebe ajuda abstrata (forças desconhecidas, poderosas), elevando a inteligência, intuição, sensibilidade, força de vontade, curiosidade, afetividade, paixões e busca dos saberes.

Monteiro Lobato recorre à intertextualidade em sua obra, não deixa de trabalhar o processo de desenvolvimento da criança e assim, evidenciar suas perspectivas de infância no que diz respeito à formação leitora e conhecimento de mundo e de si. Gregorin Filho (2007, p. 54), destaca como fundamental esse “diálogo com outras obras, autores e tempos, com o objetivo de não se fazer perder a produção textual/artística da humanidade, na busca de construir um leitor plural, que possui a competência de ler diversos gêneros textuais com capacidade interpretativa e inesgotável”. Para Coelho (2000) é uma redescoberta do passado, como forma criadora, como um elo entre a nova consciência do escritor e a corrente do início dos tempos, uma escrita que nasce de outra, anterior ao seu tempo. Desse modo, não se faz literatura voltada para a criança e para o adolescente, sem se quer ter passado pelas obras de Monteiro Lobato, e da mesma forma, não se fala de infância na literatura sem dar ênfase a essas perspectivas retratadas por ele fazendo-nos refletir sobre a história e a vida em sociedade.

Outra questão apresentada por Castro (2008), que dialoga com a proposta de Lobato em suas produções literárias é a visão dos contos maravilhosos, dos animais humanizados. Dessa forma, assevera Castro (2008, p. 274) que, “se o animal humanizado permite à criança, na maioria das vezes, libertar-se ao encontrar ou projetar seus desejos e temores pessoais frente à sociedade adulta organizada, é também, em muitos casos, ocasião e suporte que permite transpor simbolicamente situações da vida cotidiana”. A dualidade entre o mundo animal e o mundo humano, é representada por Lobato de modo singular. Nas histórias existem animais falantes, objetos mágicos como espelho, vara de condão, peixe encantado, o que demonstra, conforme as abordagens psicanalíticas, a realização do herói no âmbito socioeconômico, conquista de bens, tomando por base, a problemática social. Nos Contos de fadas é distinta a problemática trabalhada, as fadas e bruxas representam o bem e o mal, existem reis, rainhas, príncipes e princesas, gigantes, anões, e o eixo gerador é a problemática existencial.

Portanto, é fato que para prender a atenção de uma criança, a história deve despertar curiosidade, estimular sua imaginação para enriquecer sua vida interior, esclarecer suas emoções, reconhecer suas dificuldades sugerindo soluções para tais conflitos (CASTRO, 2008, p. 272). Diante disso, salientamos que, o termo infantil e juvenil em relação à literatura não quer dizer que os textos são direcionados apenas para essa fase, e sim que essas narrativas se assemelham ao leitor que é representado, faz com que ele se identifique, pois, sendo a leitura um processo de interpretação e compreensão do mundo, a mesma pressupõe etapas a serem percorridas para o leitor vir a perceber os diversos significados aos quais ela produz.

A fantasia e a realidade são apresentadas nas narrativas como a base da criação do mundo e das personagens, neste caso, o perfil traçado pelo autor de cada protagonista exerce funções distintas uma da outra. Ao observar a menina Narizinho, criação de Monteiro Lobato, crê-se no retrato da criança em demasiado processo de construção de si e, através de suas descobertas e viagens no mundo da fantasia, ela encontra desafios e dilemas a serem resolvidos e dessa forma, a protagonista da história apresenta aspectos representativos da infância rural e os processos de desenvolvimento.

Pedrinho é o perfil do garoto destemido, o sonho de todo menino, que fantasia suas guerras contra as feras maldosas como a onça pintada e os monstros que assombram as crianças. Emília é a personagem que mais intriga seus leitores, ela é desafiadora e muito segura de si. É uma criação de tia Anastásia, que aprende a falar e se torna voz das temáticas trabalhadas por Lobato; produz relação com a intenção de expressar ideia e perspectiva da infância, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, valores humanos e estudos psicanalíticos da criança na obra, e como protagonista de suas fantasias.

Conforme é debatido na perspectiva da autora Gibello (2004), a infância retratada por Lobato é muito alegre e sem preocupações. Há liberdade para expor opiniões, percebe-se uma sintonia na relação entre a criança e o adulto, o que remete ao papel das crianças do sítio, seres

fortes e destemidos, vivem corajosamente suas aventuras, deixando de ser considerados inferiores, pelo contrário, na verdade faz com que a capacidade da criança sobressaia. As crianças da obra lobatiana, possuem autoconfiança no que diz respeito aos conflitos solucionados, portanto, ao resolverem seus dilemas é transmitido para os adultos da narrativa, confiabilidade.

As obras lobatianas retratam a infância de maneira que evidencie a importância atribuída às crianças, conforme as fases da vida. No decorrer dos conflitos ela aprende a lidar com os problemas da realidade adulta, até porque, a infância é um dos momentos oportunos para descobertas, tanto de conhecimento teórico quanto de experiências passadas do convívio com o outro. As experiências diárias são proporcionadas pela avó, Dona Benta, esta por sua vez, deixa encarregado ao Visconde de Sabugosa o conhecimento teórico existente nos livros — fonte de alimento intelectual para todas as demais personagens que se inteiram em adquiri-lo — esse contato com o saber científico e cultural faz com que as crianças, por meio de suas curiosidades, busquem nas aventuras, descobertas que responderão seus questionamentos.

No universo fictício de Lobato, as crianças vivem em busca de “reinações”, brincadeiras que se tornam aventuras. Contrastando com o universo real, em determinados momentos, algumas crianças vislumbram num brinquedo, personagens ou perfis sonhados por elas mesmas — um exemplo desse comportamento se explica pelo fato da existência, no mercado industrial, de bonecas que representam cada qual, um tipo de personalidade ou profissão: Barbie médica, professora, advogada.

Nas brincadeiras a criação ocorre quando a criança fantasia uma personagem que gostaria de ser, ou uma personalidade que deseja portar. Neste caso, percebemos uma simbiose entre realidade e ficção que é notória. Num primeiro caso, Emília é essa personagem que a menina Narizinho cria e exprime suas sensações ou personalidade. A criança é retratada na obra enquanto um ser em formação, que faz descobertas e a constitui como um sujeito crítico e reflexivo. Retrata uma infância ativa e não passiva, sendo responsáveis pelas suas descobertas (GIBELLO, 2004).

Posto isto, atentamo-nos para Emília, uma boneca com características humanas, que antes, em sua forma apenas de boneca recebe uma pílula de um doutor que também não é humano (o Dr. Caramujo), e passa a ter ações de criança. Destacando para o fato de Emília ser o brinquedo predileto de Narizinho, é sabido que o fato de as crianças conversarem com seus pertences lúdicos é um comportamento clássico, nesse caso, a personagem Narizinho não se distingue de tantas outras crianças, e as conversas diárias com a boneca preferida ganha vida, cores e sabores. A imaginação dessa criança, das histórias de Monteiro Lobato a leva para mundos inalcançáveis pela realidade, capaz de proporcionar aventuras incríveis, as quais ganham uma pitada de emoção com o nascimento de Emília “feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa” (LOBATO, 2014, p. 2).

O poder da fantasia é capaz de transformar um simples riacho que corria aos fundos do pomar do Sítio, no Reino das Águas Claras, e ao mergulhar nesse reino com sua boneca, a menina vai ao encontro de um mundo que é completamente diferente daquele que vive dia a dia com seus familiares. É nesse outro mundo que ela encontra a cura para a mudez da boneca; eis que surge um médico com descobertas promissoras, oferecendo-lhe uma pílula capaz de fazer uma boneca de pano “falar pelos cotovelos”.

Logo que o efeito da pílula falante começa a surtir, a boneca inicia sua narrativa peculiar a respeito de Dona Carochinha à procura do Pequeno Polegar. A fala de Emília é diferente, cheia de novidades e imprevisibilidade, isso gera a princípio, um desconforto em Narizinho que o tempo todo a corrige repetindo a palavra correta.

[..] me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi. Só acordei quando o doutor Cara de Coruja... — Doutor Caramujo, Emília! Só acordei quando o doutor CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um liscabão. — Beliscão — emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso (LOBATO, 2014, p. 18).

A partir das primeiras “asneiras” proferidas por Emília, Narizinho pensa por um momento que, com a prática e com o tempo a boneca adaptará sua fala com a fala dos demais. Engana-

-se, em pouco tempo Emília se mostra completamente independente em relação à linguagem e com um poder de criação que deixa todos atônitos, visto que, suas maluquices e invenções tinham coerência. Diante de tal situação, Narizinho tira proveito dessa peculiaridade de Emília, uma vez que, segundo a própria menina, os adultos que ela tinha como referência — avó e Tia Anastácia — possuíam uma concepção a respeito das coisas que lhe era previsível, “as ideias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades” (LOBATO, 2014, p. 18).

Emília troca certas palavras por outras de sonoridade semelhante, sua habilidade em exercer uma fala cheia de neologismos e ao mesmo tempo crítica e irônica tornou-se sua marca registrada, possui um saber que não é dicionarizado, mas sim adquirido do convívio e da troca com meio familiar. Com autonomia sobre si percebemos a forte personalidade de Emília, uma personagem que tem liberdade para tudo que lhe vier à mente, ela tem o poder e a audácia de mudar a forma das coisas e tudo ficarem como ela ordenar. Conforme adentramos nas narrativas lobatianas, temos chances de conhecer os comportamentos dessa boneca que se transformou em criança. No livro *Memórias da Emília*, por exemplo, a personagem faz conjecturas acerca de temas complexos da realidade, ao discutir com Visconde de Sabugosa assuntos relacionados ao capitalismo; sua opinião causa surpresa, quiçá, desconforto nos demais, pois se trata de ideias vindas, no caso da narrativa em questão, de uma criança. Mais uma vez nos deparamos com um tratamento especial que Lobato transferia às crianças, tratando-as de modo inteligente, como no trecho a seguir, em que é descrito uma criança audaciosa e perspicaz.

Perfeitamente, Visconde! Isso é que é o importante. Fazer coisas com a mão dos outros, ganhar dinheiro com o trabalho dos outros, pegar nome e fama com a cabeça dos outros: isso é que é saber fazer as coisas. Ganhar dinheiro com o trabalho da gente, ganhar nome e fama com a cabeça da gente, é não saber fazer as coisas, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. Se eu tivesse um filhinho, dava-lhe só um conselho: “seja esperto, meu filho!” - E como lhe explicar o que é ser esperto? Indagou o Visconde. Muito simplesmente, respondeu a boneca. Citando o meu exemplo e o seu, Visconde. Quem é que fez a “Aritmética”? Você. Quem ganhou nome e fama? Eu. Quem é que está escrevendo as Memórias? Você. Quem vai ganhar nome e fama? Eu... O visconde achou que aquilo estava certo, mas era um grande desaforo (LOBATO, 1988, p. 76).

Em diálogo com a fala de Emília, no trecho acima, Coelho (2000, p. 76) apresenta a personagem individualista, “típica da ficção contemporânea que representa o novo homem revelado pelas descobertas psicanalíticas, que substitui a personagem tradicional se revelando ao leitor a partir de sua complexidade, perplexidade, impulsos e ambiguidades de seu mundo interior”. Não podendo classificar como “boa ou má, nobre ou vil, generosa ou egoísta”. É uma personagem ambígua que representa o ser humano em graus distintos de seu mistério interior, esse perfil exige do leitor maturidade de espírito e capacidade de reflexão.

É este o grande contraste que Emília representa ser, uma boneca falante, cuja fala possui uma lógica e coerência implacáveis, não mede palavras e fala pelos cotovelos, sua fala é saturada de absurdos e de trocadilhos. “Emília fala, sabe falar e pela fala convence os outros de seus pontos de vista, o que faz dela ponto de partida das principais aventuras narradas nas histórias” (LAJOLO, 2001, p.12).

Questões geográficas, astrológicas, matemáticas dentre outras, são abordadas de maneira frequente nas histórias lobatianas; em *História das Invenções*, tais fatos são recorrentes e o autor utiliza deste artifício sem subestimar a inteligência da criança, evidenciando suas habilidades. Ao inserir em suas obras, destinadas ao público infantil temas comuns ao universo

adulto, o autor utiliza de recursos específicos. O recurso que pode ser considerado o principal nas obras destinadas às crianças, de Monteiro Lobato, é a ludicidade.

Os temas antes comuns ao universo adulto recebem um tratamento específico para ser trabalhado com as crianças; Lobato possibilitou que fossem transmitidas para o universo infantil, as histórias do mundo, tornando-as divertidas e atraentes ao olhar atento das crianças. Através da voz de Dona Benta, personagem da história, o narrador traz ao lume temas comuns ao universo dos adultos, todavia, Dona Benta ao recontar as histórias de determinado livro, o faz de forma descontraída, e permite que as crianças a interrompam quando sentirem necessidade.

Logo no início da narrativa, *História das Invenções*, temos o seguinte diálogo de Dona Benta: “Este livro não é para crianças, mas se eu ler do meu modo, vocês entenderão tudo” (LOBATO, p. 1079-1080). Desse modo, há de se perceber que a essência da história é mantida, o que acontece é que Lobato utiliza-se de uma linguagem simples e de recursos que são de interesse para o universo infantil, cria um mundo cheio de mistérios e surpresas, ao explorar através do lúdico a fantasia e a imaginação da criança instigando-a para a criatividade.

Regina Zilberman (2005, p. 20), assevera que, “um escritor é muito popular, quando o mundo que criou escapa a seu controle, como se as personagens vivessem independentemente dele”. Esta é uma estratégia adotada por Lobato em suas obras, percebemos que as personagens Emília, Dona Benta e o Visconde de Sabugosa, frutos da imaginação do autor, possuem autonomia dentro das narrativas, desempenham papéis que dialogam facilmente com a realidade externa, “... o universo das personagens aproxima-se do mundo do leitor e permite identificação imediata” (ZILBERMAN, 2005, p. 23). Os excertos citados podem ser percebidos de forma que, no primeiro caso, as personagens criadas por Monteiro Lobato são apresentadas ao leitor de maneira bastante intensa, cada uma possui personalidade própria e marcante, tanto que essas personagens são imutáveis, podem muitas vezes, fazer parte de outras histórias sem que suas características físicas, morais e/ou psicológicas sofram alterações.

Ao escrever uma carta ao amigo Godofredo, Monteiro Lobato fala sobre suas personagens, sobretudo acerca de Emília.

Muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. Os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções. Emília começou uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo uma tal independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntam: “Mas que você é, afinal de contas, Emília?” ela respondeu de queixinho empinado: “Sou a Independência ou Morte!” E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja. [...] E assim, independente de qualquer cálculo, evoluiu essa Emília que hoje me governa, em vez de ser por mim governada. É quem realmente manda lá no sítio. Emília põe e dispõe (LOBATO, 1964, p. 341-343).

Quanto ao segundo caso da fala de Zilberman, é comum que leitores se identifiquem com determinada personagem, a exemplo da boneca Emília, que é fruto da imaginação de Lobato, a qual possui uma curiosidade que vive constantemente aguçada para os assuntos que a cercam. Essa aproximação do leitor com a personagem ocorre ao ser identificado nas narrativas, personagens e temas do cotidiano, os quais estão presentes na vida de cada leitor, a exemplo da figura de Dona Benta, uma avó que reúne os netos para contar as histórias, Tia Nastácia representando a típica empregada doméstica, ou seja, cada personagem vai ao encontro com a realidade de determinado leitor.

O universo infantil é cercado de imaginação e fantasia, as quais moldam, na infância, o adulto que desejamos ser, como salienta Vygotsky (2009), que a partir da primeira infância,

identificamos nas crianças processos de criação, sendo assim, a partir da realidade vivida a criança é submetida a experiências que faz com que o lado imaginativo flua, e quanto mais a criança for exposta a variados elementos da realidade, mais chance de ampliar o arsenal de imaginação criativa essa criança terá. As narrativas de Monteiro Lobato deixa em evidência esse fazer criativo; tanto em seu tempo (século XX) quanto na atualidade, foi e continua sendo uma figura marcante na literatura infantil e juvenil.

Com publicações de obras destinadas ao público infantil, as narrativas de Lobato contempla também a classe adulta, suas histórias são, contudo, repletas de aventuras protagonizadas por crianças, Em *Histórias das invenções*, por exemplo, Monteiro Lobato trabalha a criança de forma multifacetada, pois além de transmitir conhecimentos acerca do planeta, do surgimento da vida e de seu desenvolvimento, abre-lhes a imaginação sobre a realidade vivida.

Nas narrativas, Lobato nos apresenta a liberdade da criança não só para brincar, mas também para inventar, compartilhar ideias, se posicionando a respeito do que lhe é transmitido. Dona Benta, ao contar a história das invenções para as crianças do sítio, é interrompida o tempo todo com perguntas e argumentos, dessa maneira, as crianças têm uma participação assídua no decorrer da narrativa, o papel de passividade não cabe a elas.

Narizinho interrompe Dona Benta, que explica sobre as novas medidas astronômicas criadas para medir o espaço, em determinado momento a garota opina sobre o assunto, deixando em evidencia seus conhecimentos matemáticos, proferindo o seguinte diálogo: “Com o quilômetro a gente pode medir qualquer distância. É só ir botando zeros e mais zeros” (LOBATO, p. 1080). A opinião da criança em nenhum momento é deixada de lado, mesmo que essa opinião não satisfaça de maneira integral o objeto proposto, o adulto que se encontra no papel de auxiliador, no caso proposto da narrativa, Dona Benta, utiliza da opinião dada pela criança para aprimorá-la, explicando-lhe o sentido e/ou a função de determinado tema ou objeto.

A imaginação usufruída na infância auxilia a construção do sujeito e sua tomada de consciência do mundo e das coisas que o cerca. Para Vygotsky (2007, p. 45), “[...] ao longo do processo de desenvolvimento da criança, desenvolve-se também a sua imaginação, que atinge a sua maturidade somente na idade adulta”. A criança entre seis e sete anos começa a dar voz aos animais e vida às plantas, pedras e objetos, onde sua capacidade imaginativa vivencia o faz de conta, imerge no universo maravilhoso em que tudo é possível. O exercício do faz de conta, por meio dos elementos maravilhosos nas narrativas, propiciam a identificar e coordenar os conflitos de emoções, como também os animais humanizados proporcionam a liberdade da criança no processo de projeção de desejos e temores pessoais, frente aos adultos, suporte que permite transpor simbolicamente situações da vida cotidiana.

Na infância ocorrem descobertas de sentidos, dependentes da capacidade criadora que a criança for obtendo ao longo de suas trajetórias. Conforme Vygotsky (2007) apresenta em seus estudos relacionados à imaginação na infância, este tipo de fantasia é procedido pela experiência portada pelo sujeito. Tais processos criadores são fruto dessa fase de criatividade. O autor ainda deixa especificado que, essas fantasias são compostas de elementos retirados do real e extraídas da experiência anterior, sendo impossível uma imaginação surgir do nada, pois é construída sempre a partir de materiais do mundo real. Assim, quanto mais se adquirir experiência, maiores serão as ferramentas que usufruirá da imaginação. Nesse caso, considerando que, as experiências literárias obtidas pelas personagens crianças do sítio do pica-pau, advêm das histórias e informações contadas pela sábia avó, Dona Benta, é a partir dessas experiências que os personagens conseguem fantasiar de maneira tão rica, e é dessa forma que as suas fantasias criam vidas.

Considerando Monteiro Lobato como um modelo para a produção literária, outros autores que também se consagraram na literatura infantil e juvenil faz questão de mencionar a importância, e quiçá, influência que Lobato representou em suas produções literárias e formação, enquanto escritores. De forma criativa e prazerosa de se ler, Clarice Lispector em seu conto *Felicidade Clandestina* (1998), expressa na personagem protagonista o contentamento ao ler uma obra de Lobato que para ela é de imensurável valor:

Como casualmente, informou-me que possuía *As Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o [...] Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo [...] Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante (LISPECTOR, 1998, p. 6).

Assim como Lygia Bojunga em, *Um Encontro* (1988), na forma estratégica de incentivo à leitura descreve a emoção de ler a obra de Lobato quando criança e a forma como a narrativa foi significativa para sua formação leitora. É impossível ler a descrição que Bojunga faz do texto sem querer se debruçar sobre essa composição de ricas contribuições e aprendizado. A autora diz que *Reinações de Narizinho* foi seu primeiro caso de amor:

E quando cheguei no fim do livro eu comecei tudo de novo, numa casinha branca lá no sítio do Picapau Amarelo, e fui indo toda a vida outra vez, voltando atrás num capítulo, revisitando outro, lendo de trás pra frente, e aquela gente toda do sítio do Picapau Amarelo começou a virar a gente. Muito especialmente uma boneca de pano chamada Emília, que fazia e dizia tudo que vinha na cabeça dela. A Emília me deslumbrava! nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? ah, eu vou fazer isso também! (BOJUNGA, 1988. p.12)

Pedro Bandeira, outro escritor de narrativas para crianças e jovens, também atribui a Lobato seu sucesso no mundo literário. Em uma entrevista cedida à Editora Moderna, no canal do *Youtube*, ele fala que *Reinações de Narizinho* é “uma obra prima muito rara, não há na literatura mundial infantil, um livro tão forte, que retrate tanto o que uma criança é, nessa fase” (BANDEIRA, 2018). Conforme a reflexão de Pedro Bandeira, a fase dos 6-7 anos, idade da personagem Narizinho, a criança tem uma imaginação bastante aguçada, capaz de criar um mundo somente dela. “É uma fase em que a criança é amiga de si mesma”, e busca no seu mundo introspectivo maneiras para lidar com o mundo à sua volta. Isso explica de certa forma, o que vem sendo discutido ao longo desse artigo, acerca da tese defendida por Piaget ao abordar a questão do egocentrismo na infância.

Considerações Finais

A título de conclusão, podemos dizer que o termo infantil e juvenil em relação à literatura não quer dizer que tais textos são apenas direcionados para essa fase, e sim que essas narrativas se assemelham ao leitor que é representado, fazendo com que ele se identifique, pois, a leitura é um processo de interpretação e compreensão do mundo, ela pressupõe etapas a serem percorridas para o leitor vir a perceber os diversos significados aos quais ela produz.

Ao Refletirmos sobre a literatura e os processos pelos quais nos fazemos leitores, perceberemos a importância que a leitura tem em todos os momentos de nossas vidas, entendendo-a como processo de construção, cujas fases são cruciais para a formação do leitor, desde leitores iniciantes a leitores críticos. Com o exercício contínuo da leitura, pode-se trilhar por caminhos e mundos nunca antes conhecidos, dando azo à imaginação, a qual possibilita ao leitor experiências novas. Cada leitura torna-se uma aventura.

Para tanto, no decorrer dessa formação leitora, nos deparamos com variadas obras do gênero infantil e juvenil, entre as mais simples e as mais complexas que contribuem para o crescimento enquanto ser humano, afinal, como bem pontua Antonio Candido (1995, p. 243), a literatura “é fator indispensável de humanização [...] confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”, ela nos torna pes-

soas melhores e capazes de nos posicionar criticamente diante da realidade social, que num caso de transposição para ficção, deixa de assumir seu caráter meramente informativo para ceder espaço ao questionamento, inerente ao ser humano.

Dessa forma, o texto literário pode brincar com temas próprios da realidade psíquica, difíceis como o amor, a violência, separação e abandono e, essa força significativa é capaz de operar mudanças em tais estruturas fazendo com que o leitor encontre significado na vida.

Referências

- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.
- CASTRO, Adriana Sperandio Ventura. Diálogos entre literatura clássica infantil e psicanálise. **CES/JF Revista**, Juiz de Fora, v. 22, p. 267-281, out. 2008. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/dialogos.pdf>. Acesso em: jul. 2020.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 2000.
- COLASANTI, Marina. Livro para criança não precisa ser educativo — diz vencedora do Jabuti. [Entrevista cedida a] Bruno Moliero, **Folha de São Paulo**, São Paulo, jan. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2015/01/1568552-livro-para-crianca-nao-precisa-ser-educativo-diz-vencedora-do-jabuti.shtml> Acesso em: nov. 2020.
- EDITORA MODERNA. **Café Literário 11**. Como apresentar Monteiro Lobato para as crianças? Pedro Bandeira. 2018. 1 vídeo (1h 07min.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6p5hPFwXH_c. Acesso em nov. 2020.
- FONZAR, Jair. Piaget: do egocentrismo — história de um conceito. **Educar em Revista**, Curitiba, 5(1/2): 81-103, jan. / dez. 1986. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36149/22307>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- GIBELLO, Alessandra Aparecida de Souza. A infância e a educação numa perspectiva histórica: o olhar de Monteiro Lobato. In.: **Colóquio do LEPSI**, São Paulo, maio. 2014. Disponível em: https://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032004000100013&script=sci_arttext. Acesso em: jul. 2020.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. Concepção de infância e Literatura infantil. **Linha D'água**, Portal de Revistas da USP, São Paulo, n. 22, p. 107-112, abr. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37329/40049>. Acesso em jun. 2020.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil/juvenil, sociedade e ensino. In.: 16º COLE — Congresso de leitura do Brasil, p. 46-55, 2007, Campinas, **Anais**. Disponível em: alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/prog_pdf/prog11_01a.pdf. Acesso em: jun.2018.
- LAILOLO, Marisa. Fala mesmo, Sinhá! Fala que nem uma gente! **Personae**, São Paulo, p. 119-137, maio 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Em%edliasenac.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2020.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. Col. **Obras completas de Monteiro Lobato**. v. 12, 2. t., 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- LOBATO, Monteiro. **As Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2014.
- LOBATO, Monteiro. **História das invenções**. São Paulo: Globo, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. São Paulo: Globo, 2007.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro — um encontro**. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

PIAGET, Jean. **A Linguagem e o pensamento da criança**. Trad. Manuel Campos, São Paulo: Martins Fontes, 1986.

VYGOTSKY, L.S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Recebido em 4 de agosto de 2020.

Aceito em 15 de setembro de 2020.